



As figuras do imaginário dos presidentes Chávez e Piñera construídas pelas revistas brasileiras¹

Ruben Dargã Holdorf²

Resumo: O presente artigo propõe investigar os agendamentos das revistas *Veja* e *Carta Capital* quando pautaram as ações dos presidentes Sebastián Piñera, do Chile, e Hugo Chávez, da Venezuela. A costura teórica e as respostas para os percursos de indagações se alicerçam nos conceitos da análise de discurso crítica de Norman Fairclough, dos pontos nodais, ou palavras de ordem, da teoria de Ernesto Laclau, e nas definições de linha fronteira, ou abissal, de Boaventura Santos. Nossa hipótese em destaque é a de que a mídia estabelece uma linha fronteira separando o Brasil dos demais países, com o objetivo de construir uma cultura da prudência, outras vezes do medo e também do afeto em relação aos governantes das nações latino-americanas. As figuras de prudência e medo edificam o imaginário do Outro, enquanto a concepção afetiva resulta na criação do Mesmo.

Palavras-chave: Presidentes latino-americanos. Revistas brasileiras. Linha fronteira.

Introdução

Ao analisar as notícias e reportagens sobre a América Latina veiculadas pelas revistas brasileiras, verifica-se nas entrelinhas do texto midiático o estabelecimento de uma linha fronteira separando o Brasil dos demais países do continente. Até parece que essa demarcação visa erigir uma cultura de prudência, outras vezes de medo e também de afeto em relação aos governantes latino-americanos.³ Tal percepção não é particularista. Ela é compartilhada por outros especialistas no assunto como SCHWEITZER (2010), que observa o Brasil ignorando os países vizinhos.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político do IV Encontro da Compolítica, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 13 a 15 de abril de 2011.

² Professor do curso de Jornalismo do Unasp e doutorando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: dargan_holdorf@hotmail.com.

³ Nesse caso, determinamos como latino-americanos somente os países cujo idioma oficial é o espanhol, deixando de lado as nações francófonas.

O desprezo e a apreciação não se restringem apenas ao círculo cultural, mas se revelam no contexto das figuras dos governantes. O modo como a mídia trata os presidentes latino-americanos indica a maneira como a figura de qualquer personalidade política nacional seria construída se acaso tivesse valores semelhantes. Sob essa ótica, a mídia cria uma linha imaginária, separando aquilo que pertence ao lado de cá, do Brasil, daquilo que concerne ao Outro, sinônimo do modelo repudiado por ela.

Este artigo propõe investigar os agendamentos editoriais das revistas *Veja* e *Carta Capital* quando tematizaram, no noticiário internacional, vida e obra dos presidentes Hugo Chávez, da Venezuela, e Sebastián Piñera, do Chile, dois exemplos de construção do imaginário do medo, da prudência e do afeto. Um termo, que designamos aqui como palavra de ordem, manifesta-se em ambos os casos: a democracia. De acordo com a fundação alemã Konrad Adenauer,⁴ o Chile aparece entre os três países latino-americanos de maior progresso democrático no continente, e a Venezuela surge na lista daqueles que se encontram com a democracia em baixa. Enquanto a mídia alça o presidente chileno Sebastián Piñera do estágio de desconfiança para o de celebração, o presidente Hugo Chávez, da Venezuela, despenca dos andares da celebração para o da prudência e até mesmo o da apreensão, do temor.

A mídia reitera o discurso da identidade antidemocrática, por exemplo, de outros presidentes como Evo Morales, da Bolívia, Rafael Correa, do Equador, Cristina Kirchner, da Argentina, e os irmãos Castro, de Cuba. Todavia, ela também erige figuras referenciais da democracia em defesa de interesses capitalistas, como Laura Chinchilla Miranda e Óscar Arias, da Costa Rica, e Tabaré Vázquez e José Mujica, do Uruguai, dois países que complementam a lista da Fundação Adenauer junto ao Chile. Assim, resta conhecer como *Veja* e *Carta Capital* constroem as figuras de Chávez e Piñera, que valores lhes são atribuídos, como é ajustada a fronteira entre a informação e a opinião, e se a linha fronteira imaginária que separa o Brasil dos Outros aparece nas costuras do conteúdo midiático.

A escolha pela construção das figuras de presidentes latino-americanos para este artigo se deve, inicialmente, à importância representada pelo continente no cenário mundial no que

⁴ **REUTERS.** Chile, Uruguai e Costa Rica lideram democracia na América Latina. Londres, 21 out. 2010. Últimas Notícias. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2010/10/21/chile-uruguai-e-costa-rica-lideram-democracia-na-america-latina.jhtm>>. Acesso em: 5 dez. 2010.

se refere a aspectos particulares da política quando comparada a outros ambientes mais distantes. Acrescente-se a esse primeiro vislumbre a evolução das pesquisas em comunicação e, mais recentemente, novas reflexões interdisciplinares envolvendo a comunicação a outras áreas do conhecimento, como a política, a economia, a cultura, a tecnologia. Armand e Michèle MATTELART também avaliam a América Latina como se posicionando à frente nas pesquisas, nas críticas e nas propostas de mudanças:

Se a América Latina aparece na vanguarda nesse gênero de estudos é porque ali se desencadeiam processos de transformação que abalam as velhas concepções de agitação e propaganda e porque, nessa região do mundo, o desenvolvimento da mídia é então tão bem mais importante do que em outras regiões do Terceiro Mundo. A América Latina não é apenas o lugar de uma crítica radical das teorias da modernização aplicadas à difusão de inovações junto aos camponeses, no âmbito de tímidas reformas agrárias, à política de planejamento familiar ou ao ensino a distância, mas produz também iniciativas que rompem com o modo vertical de transmissão dos “ideais” de desenvolvimento. (2009:119)

A fim de tecer teoricamente as respostas para os percursos de indagações, usamos um dos conceitos da análise de discurso crítica de FAIRCLOUGH (2008). Para análise dos pontos nodais, adotamos certos aspectos da teoria de LACLAU (2010 e 1996). Para explicar as definições de linha fronteira, ou abissal, recorreremos a SANTOS (2010). A transversalidade de teorias deste artigo se justifica pelo deslocamento conceitual abordado por Michel Foucault,⁵ ou seja, pensamentos separados, aparentemente sem conexões, podem ser colocados em articulação durante o percurso de produção. FAIRCLOUGH (2008:44 e 276) também compartilha dessa inclinação, na qual a “análise do discurso pode ser usada para estudar questões que têm sido abordadas tradicionalmente com outros métodos” e ela “deve ser tradicionalmente um empreendimento interdisciplinar”, pois não existe uma forma definida para examiná-la.

Ao procurar dar significado e sentido às ocorrências relatadas, o enunciador⁶ estabelece conexões entre um fato e um contexto mais amplo usando o artifício das vozes das

⁵ Reflexão extraída da série em DVD “Pensadores da Educação”, São Paulo, 2005.

⁶ O *enunciador* é aquele que convoca os leitores, propondo uma ação comunicativa a partir de um referencial. Ele também fornece uma série de programas que estruturam o discurso. Alguns autores, principalmente semioticistas greimasianos, preferem usar o termo *destinador*, distinguindo-o de *enunciador*. Autores mais

fontes, ou dos interlocutores do enunciado. Esse aspecto discutido por FAIRCLOUGH (2008) serve de base para uma melhor compreensão dos fazeres das revistas *Veja* e *Carta Capital*. A esse modo de se recorrer a outros textos, vozes ou fontes, FAIRCLOUGH (*ibid*:152) denomina de “intertextualidade manifesta”, cujo conceito aborda os princípios da representação do discurso, a pressuposição, a negação, o metadiscurso e a ironia. A convocação dos públicos, ou dos leitores, para a mídia, intitula-se palavra de ordem, a qual LACLAU (2010:107) chama de ponto nodal. Além desse local de chamamento da palavra de ordem, exploramos os aspectos referentes à discussão sobre populismo e democracia. O debate de SANTOS (2010:34) a respeito das tensões entre os dois lados da linha fronteira suscita a investigação das revistas *Veja* e *Carta Capital* e seus procedimentos quando produziram o conteúdo sobre o continente, expressando assim as vozes dos enunciadores brasileiros.

Quanto à seleção do corpus, a justificativa em favor do recorte dessas revistas se deve ao fato de pertencerem a empresas jornalísticas que mantêm correspondentes na América Latina e não dependem, na maioria das ações, das agências noticiosas internacionais para a construção de seu noticiário. Para tanto, consultaram-se doze matérias, uma entrevista e uma nota. *Carta Capital* produziu cinco matérias de Chávez e duas de Piñera, enquanto a *Veja* apresentou três reportagens de Chávez e duas de Piñera, além de uma entrevista deste e uma nota sobre o presidente venezuelano. *Veja* jamais cedeu espaço nas páginas amarelas, as das entrevistas, a Chávez.

Uma pergunta sempre aparece quando se analisam dois ou mais veículos de comunicação, de uma ou diversas mídias: Por que analisar vários veículos midiáticos se a notícia é uma só? Discordamos daqueles que sustentam o ponto de vista de que o processo de seleção do noticiário se origina de uma escolha particular dos editores. Como explicar a coerência da seleção ao longo do tempo? Só pode haver coerência se os editores selecionarem as notícias a partir de um parâmetro, ou seja, a partir da linha editorial, a política editorial, o “pensamento patronal”. O enunciadore pode mudar o enfoque em relação ao Outro apenas se este modificar seu discurso, passando a ser tratado como o Mesmo, e não por causa da substituição da opinião de um editor-enunciador.

focados no jornalismo diriam que se trata de um editor ou da “voz” representativa da “linha editorial”, o “pensamento patronal” ou “diretivo”.

1. Outro/Mesmo e pontos nodais

A própria concepção da existência do Outro pressupõe a demarcação de uma linha segregacionista. Mas quem é esse Outro? Ele pode ser considerado como Outro-líder político, Outro-soberano, aquele que detém o cetro de comando de sociedades cujas culturas apresentam mais diferenças e menos – ou nenhuma – igualdades. Em princípio, na América Latina deveriam se encontrar mais afinidades entre brasileiros e hispânicos, mas não é o que se percebe por meio dos discursos midiáticos. Apesar dos períodos ditatoriais combinados a mandatários dissimulados, de fachada democrática e estrutura política obsoleta, mas de recheio populista ou militarista, da corrupção, da falta de investimentos em educação, dos bolsões de miséria, dos crescimentos urbanos desordenados, da concentração de renda entre diminutos representantes das oligarquias locais e um número pouco mais expressivo da classe média, das questões agrárias, da exclusão social e até intempéries da natureza, a mídia brasileira se esforça para erigir um muro de separação entre nós e os Outros.

A presença desse Outro-presidente não significa total discriminação, isolamento. O Outro também pode ser aceito, adotado ou tolerado. O Outro representa não apenas indivíduos, mas grupos sociais, culturais, políticos, instituições, “podendo ser menos confiável ou mais *perigoso* (grifo nosso), notável em suas diferenças, merecedor de atenção, na medida em que suas atitudes, formas de vida e culturas próprias atingem-nos de modos mais ou menos intensos” (PRADO, 2009). A intensidade com que essas figuras alcançam os governantes brasileiros, provoca uma reação da mídia, cujo agendamento constrói as figuras do imaginário. “Seja como for, a relação nacional/estrangeiro no quadro das representações por outrem da cultura brasileira parece sempre instável”, sustenta CUNHA F.º (2007:207). Todavia, quando surgem as semelhanças, esse “diferente” não pode ser mais rotulado de Outro, mas passa a ser o Mesmo, aquele que se nivela aos que se encontram do lado de cá da linha, um ideal a ser alcançado, imitado, espelhado, e cujo enunciador o defende em seus textos.

Ao perderem autoridade, as instituições deixam que Outrem ocupe o espaço de força, representado pelo discurso, o qual LACLAU (2010:134, 136) designa de “ponto nodal”.⁷

⁷ Slavoj Žižek o denomina de *point de capiton*, ou ponto de costura.

Trata-se de um significante sem significado, chamado também de “significante vazio”, a convocação da palavra de ordem. A perda de sentido em uma sociedade faz com que surjam novos discursos. Essa totalização discursiva busca restaurar o sentido de uma identidade aparentemente perdida. É nesse ponto vazio, o ponto nodal, que ocorre o discurso com a promessa de apagar diferenças, procurando lhe conferir traços de significação. Até mesmo o discurso democrático permite o esvaziamento do ponto nodal. Diante disso, a mídia reclama para si esse papel de autoridade e construtora de discursos que articulem ou aplaquem as diferenças.

Ambos os presidentes, Chávez e Piñera, são tratados pela *Carta Capital* como figuras a serem discutidas com cautela ou que não inspiram preocupação. *Veja* opta pelo temor em relação ao venezuelano, enquanto o chileno é colocado, inicialmente, na esfera da prudência. Na reportagem “Chávez contra Chávez”,⁸ o enunciador da *Carta Capital* demonstra simpatia pelo venezuelano apesar da advertência quanto às crescentes críticas ao governo: “Chávez é – ainda – sucesso de público, mas cada vez menos de crítica.” O apoio a Chávez se sustenta no advérbio condicionante *ainda*. Nesta revista não aparecem questionamentos a respeito do regime democrático ou referências a Chávez como populista. O enunciador prefere se referir à exclusividade de um *chavismo*, suporte para o movimento bolivariano, *sucesso* “na redução da desigualdade e inclusão das massas no consumo”, resultado do “carisma do líder”.⁹ Esse cuidado do enunciador tem o respaldo de LACLAU (2010:91), que salienta a imprecisão, indeterminação e vacuidade em se definir o populismo. Ele opta por caracterizar e determinar sua particularidade latino-americana, na qual “predomina um discurso estatista dos direitos cidadãos” (*ibid*:240).

Na última aparição de Chávez na *Carta Capital*, em 2010, o enunciador expressa pela primeira vez que sua popularidade anda abalada, mas seu carisma não, pois “cedeu o próprio palácio presidencial para acolher 26 famílias desabrigadas (*por causa das enchentes*), enquanto se instalava em uma tenda beduína emprestada por seu colega líbio Muammar Kaddafi, que foi armada no jardim”.¹⁰ Faltou ao enunciador mencionar países que sofreram

⁸ COSTA, Antonio L. M. C. Chávez contra Chávez, *Carta Capital*, 27 fev. 10, pp. 34-6.

⁹ A revolução em ponto morto, *Carta Capital*, 6 out. 10, p. 50.

¹⁰ Na falta de terror, a chuva, *Carta Capital*, 22 dez. 10, p. 21.

tragédias naturais e cujos presidentes não tiveram atitude semelhante à de Chávez. Contudo, o exemplo já condiciona o leitor a imaginar essa hipótese. Quanto ao chileno Piñera, por ocasião de sua posse, o próprio título da reportagem “Tempo de reflexão”¹¹ direciona o leitor à ponderação. “A derrota dos partidos de centro-esquerda, após vinte anos de vitórias consecutivas, deve-se principalmente ao desinteresse popular” e não a qualquer mérito de Piñera. A indiferença política das massas talvez se deva à possibilidade de os sistemas implantados não terem mais significados em si mesmos. O enunciador infere que Piñera contou com os votos da “direita às antigas” – uma alusão aos saudosistas do ditador Augusto Pinochet –, e da Igreja Católica, ao mesmo tempo em que aponta suas propostas como “populistas ou socialistas”. Qualquer convocação para a reconstrução e estabelecimento de uma nova ordem exprime o tom populista como ponto de partida de um sistema institucional em processo de ruptura (*ibidem*:221).

Na outra ponta, *Veja* se posiciona como crítica contumaz à figura de Chávez, denunciando seus “métodos antidemocráticos para evitar uma derrota” e que a “democracia não é com ele”,¹² em contraste a Piñera, defensor da liberdade de expressão, da alternância de poder e um opositor do governante venezuelano. Segundo LACLAU (2010:158, 161), a democracia resulta das demandas, as insatisfações populares. As demandas podem ser absorvidas até mesmo por regimes de exceção, ou fascistas. A derrota do socialista Eduardo Frei nas eleições à presidência do Chile, para o direitista Piñera, interrompeu duas décadas dos partidos governistas ligados a Michele Bachelet no poder. Ao longo dos primeiros seis meses de governo, Piñera despencou gradativamente na popularidade, chegando aos 35 por cento. E ele tinha o peso de reconstruir o centro-sul do país, devastado por um terremoto e um maremoto ocorridos no período de transição presidencial. O soterramento dos mineiros de Copiapó fez surgir uma áurea oportunidade de redenção diante do eleitorado. A cadeia enunciativa da mídia brasileira girou em torno da convocação para a “democracia”. Aquilo que parecia ameaçar o regime, adquiriu a forma de um significante vazio, como atribui LACLAU (1996:81), e transformou seu conteúdo em um “ponto nodal”. O que representava o

¹¹ COSTA, Antonio L. M. C. Tempo de reflexão. *Carta Capital*, São Paulo, 27 jan. 10, p. 42-3.

¹² TEIXEIRA, Duda. Uma oposição para Chávez, *Veja*, São Paulo, 15 set. 10, p. 100; e Democracia não é com ele, 6 out. 10, pp. 96-7.

retrocesso, agora simboliza o pendor democrático. Ao responder à *Veja* “Por que a esquerda teme tanto a imprensa livre?”,¹³ o presidente chileno ressalta o valor da liberdade de expressão e da democracia como fundamentos para se evitar o desastre do totalitarismo. Esta pergunta remete ao polêmico assunto aventado pela mídia brasileira quanto à possibilidade do estabelecimento de dispositivos censórios por parte do Estado e recebe como resposta a proposição desejada pelo enunciador da *Veja*: “Aqueles que não creem de verdade no valor da liberdade e da democracia sempre vão desconfiar da liberdade de expressão e dar um jeito de restringi-la.” E Piñera tem o respaldo de haver obtido a maior visibilidade da história entre todos os presidentes latino-americanos, com a audiência de um bilhão de telespectadores por ocasião do resgate dos mineiros. Desse modo, os enunciadores da *Veja* transformam o presidente chileno em talismã da democracia continental, ícone a ser reproduzido pelos demais Outros-presidentes. Outra questão, de forma indireta, evidencia críticas aos governantes brasileiros, cuja resposta de Piñera ratifica o pensamento do enunciador da revista. A pergunta “Sua vitória interrompeu vinte anos de governos de esquerda no Chile. O que ela significou?” introduz uma preocupação com a possibilidade de prorrogação indefinida do PT e aproveita para mostrar ao leitor a importância da renovação política no Brasil tal qual se sucede no Chile. A resposta do presidente chileno constata ser vital a alternância de poder, pois, assim, corre-se menos risco de se esquecer a missão com a sociedade. Apropriando-se do trecho de um discurso de Winston Churchill, Piñera compara a democracia ao casamento, pois apesar dos problemas, “ninguém ainda mostrou nada melhor”. O enunciador sublinha esse posicionamento de Piñera, remetendo o leitor à voz externa do ex-primeiro-ministro britânico em defesa da democracia.

Para RINCÓN e MAGRINI (2010:75), a democracia não é apenas uma moda, mas “uma prática cultural frágil na América Latina”, na qual ela tem “gosto, estilo e capricho” próprios, adaptada à particularidade de cada presidente, podendo servir de entrada para o populismo, o autoritarismo e até mesmo para a promoção político-midiática. Se *Carta Capital* manteve seu afastamento de Piñera, o mesmo não se pode confirmar quanto a Chávez, pois suas críticas são sempre cobertas pela narrativa de ações positivas do

¹³ ALMEIDA, Mariana P. “Alternância de poder é vital”, entrevista com Sebastián Piñera, *Veja*, São Paulo, 10 nov. 10, pp. 19-23.

governante venezuelano. *Veja* constrói a figura de Chávez como a do Outro a se conservar relativa distância, pois é “malandro”, “protoditador”, “caudilho” e “louco”. Piñera, por outro lado, é transformado em o Mesmo, alguém a ser imitado, um simulacro do governante “democrático” ideal, não populista e antitotalitarista, além de “civilizado” e “empresário de sucesso”.

2. Fronteiras entre informação e opinião

Tecnicamente existem limites entre as categorias jornalísticas informativa, interpretativa e opinativa. Para camuflar a presença da opinião nas notícias e reportagens e tentar representar o “real” do fato – o factual – ou da temática agendada, usam-se declarações das fontes consultadas entre aspas ou parafraseadas. Recomenda-se aos repórteres e redatores, ou proíbe-se, a inserção de adjetivos a fim de se evitar uma clara tomada de posição. RESENDE e RAMALHO (2006:103 e 106) acreditam que as aspas distanciam as vozes, que “podem representar diferentes discursos”. Não há dúvidas de que outros veículos abrem espaço para vozes diferenciadas, mas esse não é o caso das revistas *Carta Capital* e *Veja*. Selecionam-se apenas interlocutores adequados às políticas editoriais de ambas. Ao ouvir suas fontes, os interlocutores, a mídia constrói “uma cena que serve de referente ao texto”, assevera MCCOMBS (2009:59), criando-se “a ilusão de situação ‘real’ de diálogo”.

Autoriza-se, aparentemente, a responsabilidade opinativa sobre os testemunhais dos interlocutores, “caso contrário, o texto deixa de ser uma notícia ou reportagem e passa a ser um artigo assinado” e qualquer acréscimo pode “distorcer e comprometer a credibilidade” (HOLDORF, 2008:17) do veículo midiático. Mas isso não ocorre com as revistas, nas quais se detectam termos e expressões violando as fronteiras estabelecidas entre a informação e a opinião. KUNCZIK (2001:92) identifica um peso deveras importante na construção da declaração, pois “os jornalistas consideram a citação de opiniões de outras pessoas como evidência de apoio. Ao citar as afirmações de outros, os jornalistas se escondem por trás delas, enquanto as aspas aumentam sua distância do citado”.¹⁴ Interpreta-se isso como um uso

¹⁴ KUNCZIK, Michael. *Conceitos sobre jornalismo: Norte e Sul*. 2 ed. São Paulo: Edusp, p. 271.

consciente – não se trata de sutileza –, cuja política editorial se revela por meio do discurso dos interlocutores, sem a necessária interferência dos enunciadores.

Usar aspas é um exemplo da representação do discurso, o primeiro princípio da intertextualidade manifesta. A presença de aspas indica uma voz externa ao enunciado, referendando o agendamento (FAIRCLOUGH, 2008:154). A fim de justificar o rótulo a Chávez como histriônico, cômico ou bufão, a *Veja* emprega parte de uma resposta dele para o problema da seca na Venezuela: “Vou lá de avião e, se uma nuvem me atravessar o caminho, eu lanço um raio nela!”. Em seguida, o enunciador recorre a outro princípio, a ironia, ao encerrar o texto com “Até agora, não produziu nem garoa”.¹⁵ A fim de explicar o termo “cubanização”, *Carta Capital* também se serve de parte de um discurso do presidente venezuelano na abertura dos trabalhos parlamentares: “O marxismo é a teoria mais avançada na interpretação científica da história.”¹⁶ O enunciador não necessitou abordar essa questão. Bastou se apropriar dela quando Chávez a pronunciou. E ela, por si só, esclarece a expressão conectada ao regime político da ilha governada por Fidel Castro.

Estranhamente, *Carta Capital* faz uso de uma frase do mineiro Mario Sepúlveda para narrar situações de esperança e conflito e, ao mesmo tempo, lançar descrédito às crenças religiosas ou místicas: “Estive com Deus e o diabo. Os dois brigaram e Deus venceu.”¹⁷ Se o mineiro acha que o poder da esperança e da vida veio de uma divindade, o enunciador da revista percebe a força na união do grupo, empregando uma palavra corrente no meio religioso: “graças”. A dúvida quanto à presença vitoriosa da divindade surge com a locução “Pode ser que”. Por outro lado, o enunciador não hesita em citar que “o demônio mostrou sua força” junto ao acampamento dos familiares, todos estressados por causa de “dinheiro”, segundo o enunciador, “bem ao gosto do canhoto”, termo popular para o diabo. A ação “demoníaca” se verifica na superfície, justamente onde se encontra Piñera. O irônico se posiciona ao lado desta notícia: uma foto do presidente norte-americano, Barack Obama, assinando um documento. Detalhe: ele escreve com a mão esquerda. RESENDE e RAMALHO (2006:106) acentuam que “as maneiras como atores sociais são representados em textos

¹⁵ TEIXEIRA, Duda. Tarja vermelha, *Veja*, São Paulo, 3 fev. 10, p. 67.

¹⁶ COSTA, Antonio L. M. C. Chávez contra Chávez, *Carta Capital*, São Paulo, 27 fev. 10, p. 35.

¹⁷ Deus, o diabo e a mina de San José, *Carta Capital*, São Paulo, 20 out. 10, p. 17.

podem indicar posicionamentos ideológicos em relação a eles e suas atividades”. Inclua-se aqui a linguagem não-verbal das fotografias e da disposição das matérias.

Proposições presumindo a possibilidade de um fato, ou a existência de algo inexplicável até então, assinalam o princípio da pressuposição. Por ocasião da posse de Piñera, *Carta Capital* é cética quanto ao futuro do Chile: “É improvável que Piñera represente uma guinada econômica ou social”.¹⁸ Afinal, o Estado chileno se liga umbilicalmente ao projeto continuísta da ditadura de Pinochet, e o enunciador compara-o mais adiante ao primeiro-ministro Silvio Berlusconi, da Itália, por causa de sua fortuna e controle de empresas, rede de tevê e um time de futebol. Depois da derrota eleitoral de Chávez no legislativo, *Veja* deduz a colocação em prática de “artimanhas para neutralizar o fracasso”.¹⁹ Esse expediente da desconfiança pode ser representado também por outros verbos, como esquecer, lamentar, ameaçar, perceber “e os artigos definidos” indicando “proposições que têm significados ‘existenciais’” (FAIRCLOUGH, 2008:155). O próprio título desta reportagem exemplifica o princípio da negação: “Democracia não é com ele”. Ela abastece, neste caso, o pensamento pessimista em relação à figura de Chávez, enaltecendo a cultura do medo, cuja visão particular de mundo corrobora para se construir “a realidade que se noticia” (RESENDE e RAMALHO, 2006:113).

O último princípio, o metadiscorso, requer que o enunciador se posicione “acima ou fora de seu próprio discurso”, em condição “de controlá-lo e manipulá-lo” (FAIRCLOUGH, 2008:157). Na mesma reportagem “Democracia não é com ele”, ao justificar que Chávez dificilmente seria julgado pelos seus atos na Venezuela, já que ele “controla a maioria dos magistrados”, o enunciador faz uma pausa, abre parênteses e sai do texto, produzindo outro discurso em paralelo: “Métodos como esses, que se valem das instituições democráticas para fins autoritários, são invejados por muitos radicais brasileiros.” Em suma, existe uma preocupação editorial do enunciador com o passionalismo transmitido pelo Outro venezuelano para o Brasil. Semelhantemente, *Carta Capital* exhibe sua reserva quanto a Piñera ao nivelá-lo a Berlusconi. Quando se compreende e se aceita a presença de diferentes leituras “de um mesmo evento” construído pela mídia, examinam RESENDE e RAMALHO

¹⁸ COSTA, Antonio L. M. C. Tempo de reflexão, *Carta Capital*, São Paulo, 27 fev. 10, pp. 42-3.

¹⁹ TEIXEIRA, Duda. Democracia não é com ele, *Veja*, São Paulo, 6 out. 10, p. 96.

(2006:114), “pode ser um princípio para uma leitura crítica”, que analise e envolva diferentes grupos sociais nas “lutas hegemônicas”.

3. Linha fronteiriça

Não obstante a presença geográfica das fronteiras, a mídia brasileira procura fixar limites, separando o lado de cá da região dos Outros. Tal divisória cultural também se estende ao campo político. A principal característica do pensamento abissal, desenvolvido por SANTOS (2010:32), “é a impossibilidade da copresença dos dois lados da linha”. Durante a colonização ibérica na América, a invasão e a violência empregada contra os povos indígenas e as grandes civilizações do continente – incas, maias e astecas –, teve sua ação predadora justificada no conceito de “vazio jurídico”. Aproveitando-se da ausência de normas jurídicas regulamentadoras nesse ambiente até então desconhecido pelos europeus, toda sorte de ilegalidades perpetradas do outro lado da linha não se chocavam com as normas universais estabelecidas no lado de Portugal e Espanha. Toda presença de significantes vazios, acrescenta LACLAU (2010:157), pressupõe o estabelecimento na sociedade de uma fronteira divisória. Esse vazio, chamado também por SANTOS (2010:35-6) de “zonal colonial”, constrói o “grau zero”, do qual se originam os atuais pontos de vista a respeito do conhecimento.

Veja estabelece um padrão de governante para Piñera ao opinar como ele deve proceder, qual será o destino do Chile, nivelando-o ao patamar das esquerdas e revelando suas primeiras ações de transparência diante da sociedade. O enunciador tenta mostrar ao leitor como esse Outro pode se transformar em um Mesmo. E uma das marcas é a comparação entre o que acontece do lado de cá e o que não ocorre do lado de lá da linha. Ou seja, qual deve ser o padrão de ajustamento daqueles que vivem numa sociedade de derrotados, cuja conduta se demonstra negativa e os condena à violência (GALEANO, 2006:152). Quando o enunciador se predispõe no agendamento a erigir a figura de um Mesmo, os dados negativos se referem ao lado de cá da linha. Contudo, sempre existe uma justificativa para tal realidade. Piñera promete “reduzir de 27 para 12 dias o tempo para abrir

um negócio”²⁰ no Chile. O comparativo negativo surge em seguida, entre parênteses, lembrando que no Brasil esse tempo pode chegar a 152 dias. Mas, o enunciador lança um desafio a Piñera. Ele precisa superar os 80% de aprovação da presidente Michele Bachelet, um recorde para quem chega ao final de mandato na América Latina.

Quando se trata de estabelecer uma linha abissal, separando profundamente o lado de cá do lado de lá, a zona colonial, espaço do significante vazio, Chávez aparece como exemplo negativo ideal para o enunciador da *Veja*. O presidente venezuelano se preocupa “em ajudar países camaradas como Bolívia, Cuba e Nicarágua”.²¹ Na interpretação da *Veja*, os dois primeiros se inserem naquela lista de opositores da democracia. O vocábulo “camaradas” indica as tendências esquerdistas de Chávez e de seus aliados. Ajusta-se a uma expressão de tratamento usada entre os partidários do comunismo, complementando o título “Tarja vermelha” da reportagem. O recurso de selecionar adjetivos depreciativos e interlocutores referendando o discurso midiático, acomoda-se às artimanhas enunciativas. Para tanto, *Veja* o classifica como “ditador fardado” e ressalta a opinião do economista venezuelano Asdrubal Oliveros: “Agora, não vemos mais como a economia possa se recuperar.” A linha divisória separa as formas racionais dos fenômenos de massa, compara LACLAU (2010:46 e 234), assim como existe a fronteira separando o normal do patológico e isso adquire sentido político quando se conhece o que se encontra do lado de lá da linha fronteira.

Mesmo diante de evidências contrárias aos resultados das ações governistas de Chávez, o enunciador da *Carta Capital* exercita-se para defender sua figura, pois a situação de aparente caos na economia tende a se normalizar. Afinal, o governo venezuelano é “forçado a assumir um comportamento mais próximo dos governos de centro-esquerda”.²² No caso, o exemplo citado se adapta ao modelo da *Veja*: o Brasil é o referencial para o enunciador da *Carta Capital*. Tais diferenças percebidas entre os enunciativos podem ser compreendidas em SANTOS (2010:41), ao esclarecer o movimento flutuante das linhas fronteiriças quando “o outro lado da linha parece estar a expandir-se, enquanto este lado da

²⁰ FAVARO, Thomaz. Vitória na era do consenso, *Veja*, São Paulo, 27 jan. 10, pp. 90-1.

²¹ TEIXEIRA, Duda. Tarja vermelha, *Veja*, São Paulo, 3 fev. 10, p. 67.

²² A revolução em ponto morto, *Carta Capital*, São Paulo, 6 out. 10, pp. 50-1.

linha parece estar a encolher”. Duas interpretações: a primeira indica a expansão do considerado ilegal, da lógica da violência e apropriação em prejuízo do regular, do legal. O lado de cá tem no Outro, temido e desprezado pela mídia, um sujeito a ser rejeitado. A segunda, não compartilhada por SANTOS (2010), representa o avanço do Mesmo como modelo de quem se encontra do lado de cá e necessita de um retrato.

Conclusão

A ponta do *iceberg* de uma discussão mais aprofundada a respeito da cobertura jornalística das revistas *Veja* e *Carta Capital* na América Latina começa a formar contornos. Ficou claro no artigo que existe uma preocupação na agenda midiática dos enunciadores com a “democracia” como palavra de ordem nos textos. Ao contrário do que se imaginava, aos presidentes se atribuem incisivos adjetivos, às vezes até mesmo hostis. Tais valores capturados nas entrelinhas dos textos definem como os enunciadores se posicionam politicamente em relação aos leitores, seus enunciatários.

Veja é mais agressiva e, não obstante sua índole em defesa da democracia, ela não se exclui da tarefa de emitir pareceres, construindo pontos de vista simpáticos à linha editorial do grupo ao qual pertence. *Carta Capital* aposta em um discurso mais moderado. Contudo, quando se trata de comparar os atos do Outro, ou do Mesmo, e dimensioná-los, o parâmetro regular passa a ser o Brasil, assim como em *Veja*.

Esse primeiro vislumbre serve para estimular o debate em torno das práticas jornalísticas dos cadernos internacionais quando se agendam temáticas sobre os presidentes latino-americanos. Discussões desse patamar podem ser acrescidas das visões de teóricos das mais diversas vertentes do pensamento. Não se debate aqui a existência de uma teoria conspiratória nas redações, mas outra maneira de se contemplar, refletir e criticar os fazeres jornalísticos no campo da política continental, principalmente no que tange à construção de linhas abissais excludentes, que enclausuram ou afastam culturas. Ao Outro não se consente transpassar os limites estabelecidos. Somente ao Mesmo se permite que as linhas se movimentem. As revistas *Veja* e *Carta Capital* têm o direito de expedir opinião, desde que isso se desenvolva em espaços apropriados e não por meio do texto noticioso ou de

reportagens. Evidencia-se que esses enunciadores não se importam em dilapidar o bom senso e o equilíbrio esperados na construção da notícia.

Referências

- CUNHA F.º, Paulo C. Imagem, alteridade e autonomia subalterna. Nota sobre a sobrevivência dos estereótipos nas representações estrangeiras do Brasil. In: MÉDOLA, Ana S. L. D.; ARAÚJO, Denize C.; BRUNO, Fernanda. **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Livro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2007, pp. 205-28.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2008.
- GALEANO, Eduardo. A caminho de uma sociedade da incomunicação?. In: MORAES, Dênis de. **Sociedade midiaticizada**. Rio: Mauad, 2006, pp. 149-54.
- HOLDORF, Ruben D. **Os conflitos árabe-israelenses em Zero Hora e O Estado do Paraná** (Dissertação de Mestrado em Educação, Administração e Comunicação) – Unimarco, 2008.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos sobre jornalismo: Norte e Sul**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- LACLAU, Ernesto. **Emancipación y diferencia**. Buenos Aires: Ariel, 1996.
- _____. **La razón populista**. Buenos Aires: FCE, 2010.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. 12 ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- PRADO, José L. A. (Coord.). **A invenção do Mesmo e do Outro na mídia semanal**. São Paulo: Grupo de Pesquisas em Mídia Impressa, 1 Dia, 7 Dias, 2009. In: www.pucsp.br/pos/cos/umdiasetedias.
- RESENDE, Viviane M.; RAMALHO, Viviane. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.
- RINCÓN, Omar; MAGRINI, Ana L. Meios, poder e democracia. In: SORJ, Bernardo. **Poder político e meios de comunicação: da representação política ao reality show**. São Paulo: Paz e Terra, 2010, pp. 75-104.
- SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, pp. 31-83.
- SCHWEITZER, Fernando. **Cursinho sobre a América Latina**. *Observatório da Imprensa*, São Paulo, 28 set. 2010. Leituras da Folha. Disponível em: <www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=609FDS015>, 609 ed. Acesso em: 29 set. 2010.